CAPÍTULO 2

COGNIÇÃO E LINGUAGEM: RELAÇÕES ENTRE MENTE, CORPO E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS

https://doi.org/10.68044/rzxs8y28

Carlos Roberto Martins [1]
Mestre em Cultura e Educação pela Universidade La Salle.

RESUMO: Este artigo analisa as relações entre cognição e linguagem, com ênfase na articulação entre mente, corpo, experiência e construção de significados. A investigação, de natureza bibliográfica e qualitativa, fundamenta-se em estudos da Linguística Cognitiva, da cognição corporificada e de pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Discute-se a superação de concepções que isolam a linguagem das demais capacidades cognitivas, destacando-se o papel da percepção, da memória, da categorização, dos esquemas imagéticos, dos frames e das metáforas conceptuais. Examina-se, ainda, como experiências sensório-motoras, contextos socioculturais e práticas discursivas participam da conceptualização. No campo das línguas de sinais, a corporeidade, a visualidade, o espaço e a recuperação lexical evidenciam que o significado emerge de processos cognitivos situados e multimodais. Conclui-se que linguagem e cognição constituem processos interdependentes, nos quais o corpo não é mero suporte, mas dimensão constitutiva do pensamento, da experiência e da produção de sentidos, em contextos comunicativos diversos.

Palavras-chave: Cognição; Linguagem; Corporificação; Construção de significados.

INTRODUÇÃO

A relação entre cognição e linguagem ocupa posição central nos estudos contemporâneos que procuram compreender de que modo os seres humanos constroem, organizam e compartilham significados. A linguagem, nessa perspectiva, não pode ser reduzida a um conjunto autônomo de formas ou regras, uma vez que sua realização envolve percepção, memória, atenção, categorização, experiência, inferência e conhecimento de mundo. Scapolan e Leite (2025, p. 162) destacam que a Linguística Cognitiva investiga a língua como parte integrante do sistema cognitivo humano e enfatiza a participação do significado, da percepção e da experiência na estruturação linguística. Assim, estudar linguagem é também examinar formas de conceptualizar a realidade e de transformar sensações, imagens, pensamentos e desejos em práticas simbólicas socialmente compartilhadas.

Essa concepção desloca o debate de uma oposição rígida entre mente e corpo para uma compreensão integrada da experiência. Sousa (2016, p. 30) assinala que a perspectiva cognitiva corporificada valoriza o papel do corpo na constituição do aparato cognitivo e, consequentemente, nas práticas relacionadas à linguagem. O significado deixa de ser entendido como simples correspondência entre palavras e entidades previamente dadas e passa a ser concebido como resultado de processos de interação entre sujeito, corpo, ambiente e repertórios socioculturais. Nesse quadro, conhecer não

significa apenas armazenar representações abstratas, mas agir perceptiva e corporalmente no mundo, atribuindo relevância a determinadas experiências, estabilizando categorias e mobilizando estruturas conceptuais durante situações concretas de comunicação.

O problema torna-se particularmente produtivo quando se considera que a cognição é, ao mesmo tempo, corporificada e situada. Vereza (2016, p. 564) argumenta que representações cognitivas emergem tanto de experiências sensório-motoras quanto de experiências socioculturais, razão pela qual a mente não pode ser concebida como separada do corpo, da língua e do mundo. A construção de significados, portanto, não se encerra no indivíduo nem se explica apenas por mecanismos internos. Ela depende de histórias de interação, convenções culturais, práticas discursivas, condições perceptivas e recursos semióticos que se articulam no uso da linguagem. Dessa forma, mente e sociedade não se apresentam como polos independentes, mas como dimensões relacionadas no processo de conceptualização.

A noção de mente corporificada também permite reconsiderar modelos que trataram a cognição como processamento desincorporado de informação. Avelar (2016, p. 30-32) descreve o percurso de abordagens cognitivas e mostra que a perspectiva corporificada passa a enfatizar a interação contínua entre cérebro, corpo e ambiente, superando a imagem de uma mente isolada que apenas representa um

mundo externo. Essa mudança possui consequências diretas para os estudos da linguagem: se a cognição depende de experiências corporais e perceptivas, então categorias, metáforas, esquemas espaciais, formas de atenção e escolhas linguísticas são atravessados pelas maneiras como os sujeitos se movimentam, percebem e atuam em contextos materiais e culturais.

No campo das línguas de sinais, essa discussão ganha especial densidade, pois o corpo e o espaço participam de modo linguisticamente estruturado da produção e da percepção. Sessa e Bernardo (2022, p. 184-186) demonstram, a partir da conceptualização de sinais relacionados ao tempo na Libras, que experiências corpóreas e espaciais podem organizar conceitos abstratos e motivar metáforas conceptuais. Nunes (2019, p. 31-33), por sua vez, identifica relações entre orientação, esquemas imagéticos e produção de significado em sinais da Libras. Esses estudos não indicam que as línguas de sinais sejam mais corporais do que outras línguas; antes, tornam particularmente visíveis processos de corporificação que também participam da cognição e da linguagem de modo geral.

Com base nesse horizonte, este artigo tem como objetivo analisar as relações entre mente, corpo e construção de significados, articulando contribuições da Linguística Cognitiva a pesquisas sobre corporeidade, metáfora, esquemas imagéticos, frames, visualidade, recuperação lexical e Libras. Trata-se de um estudo bibliográfico, de

caráter qualitativo, fundamentado no conjunto de textos disponibilizados para esta investigação. O procedimento analítico consistiu em identificar convergências conceituais, exemplos e resultados empíricos capazes de esclarecer quatro questões: a integração entre linguagem e cognição; o papel da experiência corporal; a natureza dinâmica e sociocultural do significado; e as contribuições das línguas de sinais para a compreensão desses processos. Não se pretende realizar revisão sistemática exaustiva, mas construir uma síntese teórica coerente a partir das fontes selecionadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Linguagem, cognição e conceptualização

A Linguística Cognitiva parte do princípio de que a linguagem integra o funcionamento cognitivo mais amplo. Scapolan e Leite (2025, p. 164) ressaltam que essa abordagem se distancia de modelos que tratam a faculdade linguística como domínio mental autônomo e propõe uma interconexão profunda entre linguagem, experiência corporal e outras capacidades cognitivas. Tal orientação modifica o modo de compreender a gramática e a semântica: formas linguísticas não são vistas como recipientes independentes de conteúdo, mas como recursos que orientam operações de conceptualização. O falante ou sinalizante seleciona aspectos de uma cena, estabelece perspectivas, focaliza relações, compara experiências e ativa conhecimentos

prévios. Assim, uma mesma situação pode ser linguisticamente construída de maneiras diferentes sem que isso implique simples variação estilística; cada formulação projeta uma organização particular da experiência.

A centralidade do significado nessa abordagem decorre da própria definição de linguagem como atividade cognitiva. Conforme Scapolan e Leite (2025, p. 162), percepção, construção de categorias, formação de conceitos, abstração, emoções e raciocínio participam da maneira como sensações e pensamentos são convertidos em formas linguísticas. O significado não é, portanto, um componente posterior à estrutura; ele participa da organização das categorias e das escolhas formais. Esse entendimento também permite considerar que o conhecimento linguístico se relaciona ao conhecimento de mundo. O uso de uma expressão mobiliza memórias, expectativas e modelos de experiência, de modo que compreender um enunciado exige mais do que reconhecer sua combinação de unidades: exige reconstruir uma perspectiva conceptual pertinente à situação comunicativa.

Costa (2021, p. 64) aborda a formação de conceitos como resultado da atenção seletiva e reiterada a componentes da experiência, articulada à integração de memórias de situações semelhantes. Nessa leitura, o sistema conceptual não funciona como uma gravação neutra da realidade, mas como organização interpretativa da percepção e da experiência. Esse ponto é decisivo para o tema deste artigo, porque

impede que o significado seja reduzido a um reflexo objetivo e estável do mundo. Categorizar envolve reconhecer padrões, abstrair diferenças, organizar semelhanças e estabilizar conhecimentos que poderão ser reativados em novos contextos. A linguagem participa desse processo ao fornecer formas convencionais para orientar a atenção e tornar compartilháveis determinadas construções conceptuais.

Outro aspecto importante é o caráter perspectival da linguagem. Scapolan e Leite (2025, p. 167-168) apresentam operações de construção relacionadas à atenção, seleção, julgamento, comparação, perspectiva e dêixis. Essas operações demonstram que descrever um evento não consiste apenas em enumerar seus elementos, mas em decidir o que será focalizado, a partir de qual ponto de vista e com qual grau de detalhamento. A linguagem, assim, não funciona como espelho transparente da realidade: ela oferece modos de enquadrar a experiência. A escolha de uma expressão espacial, de uma referência temporal ou de uma estrutura metafórica pressupõe um observador situado e um conjunto de relações que se tornam relevantes naquela situação.

Mente corporificada e superação do dualismo corpo-mente

A noção de mente corporificada confronta a tradição que separa pensamento abstrato e corpo físico. Avelar (2016, p. 30-31)

reconstrói esse debate mostrando que determinadas abordagens das Ciências Cognitivas privilegiaram modelos representacionais, nos quais a cognição era comparada ao processamento de informação ou à operação de redes internas. Embora esses modelos tenham produzido avanços importantes, a perspectiva corporificada desloca o foco para a experiência vivida e para a inseparabilidade entre percepção e ação. O organismo não é um suporte periférico de uma mente central; suas capacidades sensório-motoras participam do modo como problemas são percebidos, categorias são formadas e ações são planejadas.

Nessa mudança de perspectiva, cérebro, corpo e ambiente compõem um sistema de relações. A cognição deixa de ser descrita como operação confinada ao interior da mente e passa a ser compreendida como atividade que emerge em processos de interação. Avelar sintetiza esse deslocamento ao afirmar:

> As estruturas de processamento cognitivo não estão limitadas aos processos neuronais no/do cérebro, pois a abordagem corporificada estabelece que os processos cognitivos emergem de interações sensório-motoras contínuas entre cérebro, corpo e ambiente. Assim, é possível constatar que, ao contrário do que estabelecem as abordagens cognitivista e conexionista, a abordagem da ação corporificada não concebe os pensamentos — ou os processos mentais em geral — como entidades trancafiadas na mente, tentando desesperadamente fazer contato com o mundo exterior: ao contrário, pensamentos seriam formas de ação e interação (Avelar, 2016, p. 32).

Sousa (2016, p. 30) desenvolve argumento convergente ao tratar a corporalidade como núcleo da Linguística Cognitiva. Para a autora, estruturas cognitivas surgem da interação entre corpo e ambiente, e as práticas de linguagem não podem ser dissociadas desse aparato experiencial. A aproximação com uma perspectiva fenomenológica amplia a questão: perceber não é receber passivamente informações do exterior, mas constituir uma relação ativa com o mundo por meio do movimento, da sensação e da orientação do corpo. A linguagem participa desse fluxo, pois estabiliza e reorganiza experiências que já são corporais, sociais, intelectuais e emocionais.

Nesse sentido, a formulação de Sousa explicita a mudança de estatuto atribuída à linguagem:

> A inserção da perspectiva corporificada no campo do cognitivismo corrobora a visão, surgida na segunda metade do século XX, de que a linguagem não é mera expressão dos pensamentos ou instrumento de representação do real, mas um elemento que possibilita a construção de aspectos sócio-histórico-culturais, compartilhados em nossa (inter)ação física no (e com o) ambiente. Assim, é impossível classificá-la como uma entidade desatrelada do aparato mental humano, tampouco considerá-la uma faculdade cognitiva separada das demais (Sousa, 2016, p. 30).

A citação reforça dois movimentos teóricos complementares. O primeiro consiste em integrar linguagem e cognição; o segundo, em compreender a própria cognição como enraizada na interação corporal

e sociocultural. Isso implica reconhecer que a produção de sentido é condicionada pelas possibilidades perceptivas e motoras dos sujeitos, mas não determinada mecanicamente por elas. Experiências corporais são interpretadas, compartilhadas, ritualizadas e culturalmente reconfiguradas, tornando-se matéria para diferentes modos de conceptualização. Por isso, corporificação não deve ser confundida com biologização do significado. O corpo que participa da linguagem é simultaneamente orgânico, histórico, social e situado.

Ela perspectiva é condensada em uma citação de citação utilizada por Sessa e Bernardo. Ferrari (2011, p. 21 *apud* Sessa; Bernardo, 2022, p. 184) afirma que "a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo". A formulação é breve, mas decisiva: a mente não constitui uma instância autossuficiente diante de um corpo meramente executor. Pensar, perceber, categorizar e significar dependem de uma história de relações corporais com o mundo. Ao mesmo tempo, Sessa e Bernardo (2022, p. 184-185) salientam que a conceptualização não se fundamenta apenas no corpo isoladamente, pois experiências cotidianas, discursos, conhecimentos acumulados e contextos de interação também participam desse processo.

Esquemas imagéticos, frames e construção de significados

A ideia de que experiências recorrentes participam da organização conceptual conduz aos conceitos de esquemas imagéticos

e frames. Sousa (2016, p. 32) apresenta essas estruturas como fundamentais para compreender processos de construção de sentidos e as relaciona, em sua discussão sobre a Teoria Neural da Linguagem, à ativação de circuitos associados a experiências perceptuais e motoras. Sem reduzir a semântica à neurofisiologia, esse modelo propõe que a significação possui uma base de experiências reiteradas que permite reconhecer padrões e projetá-los em novas situações. O significado, portanto, não é criado a partir do nada em cada enunciado: ele se apoia em regularidades cognitivas relativamente estabilizadas e, simultaneamente, é ajustado ao contexto.

Os esquemas imagéticos podem ser compreendidos como padrões muito gerais derivados da experiência corporal. Nunes (2019, p. 31) os relaciona a padrões espaciais e relações de força identificados na interação com o ambiente, ressaltando sua importância para a compreensão de conceitos abstratos. Orientações como cima/baixo, dentro/fora, centro/periferia, origem/caminho/destino e parte/todo não são apenas coordenadas físicas; elas podem estruturar conceptualizações em diferentes domínios. A relevância desses esquemas decorre de sua recorrência: mover-se em trajetos, entrar e sair de espaços, manipular objetos e perceber diferenças de altura constituem experiências reiteradas que oferecem organização para raciocínios posteriores.

Frames, por sua vez, dizem respeito a conjuntos de conhecimentos relacionados que permitem compreender cenas, eventos e práticas. Vereza (2016, p. 562) enfatiza que essas estruturas são inseparáveis de conhecimentos pessoais e culturais e influenciam modos de perceber e interpretar o mundo. Uma palavra ou sinal pode evocar um conjunto de participantes, expectativas e relações que não estão explicitados na forma linguística, mas são necessários à compreensão. Por isso, o significado lexical não se esgota em uma definição dicionarizada: compreender implica acionar conhecimentos enciclopédicos, experiências sociais e expectativas sobre a situação. O frame funciona como uma organização de fundo que torna inteligível o elemento focalizado pelo enunciado.

Na discussão de Sessa e Bernardo (2022, p. 185), domínios, frames e esquemas imagéticos aparecem como estruturas conceptuais capazes de organizar a forma de pensar e de estar no mundo. As autoras destacam que os esquemas são formados por percepção sensório-motora e por experiências recorrentes de interação com o ambiente. Essa formulação permite integrar a dimensão corporal à social: trajetórias, recipientes, escalas e orientações são experienciados corporalmente, porém seu emprego em significações específicas depende de práticas linguísticas e culturais. O sentido emerge justamente dessa articulação entre regularidades da experiência e formas historicamente construídas de interpretá-las.

Metáfora conceptual, experiência corporal e abstração

A metáfora ocupa papel central na investigação cognitiva do significado porque evidencia que conceitos abstratos podem ser organizados por estruturas provenientes de domínios mais concretos da experiência. Costa (2021, p. 65) explica que, nessa perspectiva, a metáfora deixa de ser compreendida exclusivamente como recurso retórico ou ornamental e passa a ser analisada como fenômeno cognitivo, no qual um domínio mais abstrato é interpretado em termos de outro domínio experiencialmente mais básico. A consequência é relevante: expressões metafóricas não são apenas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa, pois revelam modos recorrentes de conceptualizar determinados objetos, acontecimentos e relações.

Nunes (2019, p. 31) resume essa produtividade ao afirmar que "a metáfora proporciona uma extensão do significado". A formulação é particularmente útil porque enfatiza que o processo metafórico amplia possibilidades de conceptualização a partir de relações sistemáticas. A autora demonstra que domínios do corpo, de forças, de movimento e de orientação podem fornecer base para compreender emoções, relações, pensamento e tempo. Em vez de uma associação arbitrária, a metáfora frequentemente se ancora em correlações experimentadas repetidamente e em convenções culturalmente estabilizadas.

Na Libras, esse mecanismo pode ser observado com especial clareza por causa da articulação entre corpo, espaço e parâmetros fonológicos. Nunes (2019, p. 33) analisa pares de sinais nos quais orientações para cima e para baixo se relacionam a avaliações positivas e negativas, bem como sinais em que movimentos para dentro ou para fora do corpo se articulam a conceptualizações do corpo como recipiente. A importância desses exemplos não reside em afirmar que forma visual e significado sejam sempre transparentes, mas em mostrar que a organização espacial do sinal pode participar de motivações metafóricas e de esquemas imagéticos que estruturam o conteúdo conceptual.

Sessa e Bernardo (2022, p. 185-186) aprofundam essa relação ao investigar sinais de tempo. As autoras identificam padrões em que passado, futuro e presente são conceptualizados mediante relações espaciais e contextuais. O tempo, por ser abstrato e não diretamente manipulável como um objeto físico, é compreendido por meio de experiências de trajetória, orientação e localização. A análise confirma que a metáfora conceptual permite organizar domínios abstratos sem reduzir sua complexidade a uma equivalência literal. A relação entre corpo e espaço oferece uma base, mas a interpretação depende de contexto, repertório e práticas linguísticas.

Cognição situada, sociedade e cultura

A corporificação não pode ser pensada fora dos contextos sociais em que os corpos vivem e significam. Vereza (2016, p. 562-564) problematiza a aparente dicotomia entre cognição e sociedade e argumenta que a Linguística Cognitiva oferece instrumentos para compreender a interdependência entre dimensões sensório-motoras e socioculturais. A experiência humana é corporal, mas também é mediada por práticas, valores, discursos e formas compartilhadas de conhecimento. Desse modo, não existe um corpo abstrato e ahistórico que produza os mesmos significados independentemente de suas condições de vida. O que se percebe, como se organiza a atenção e quais associações se tornam convencionais são processos atravessados por trajetórias culturais.

A autora sintetiza essa inseparabilidade ao afirmar:

> Conceitos de base da LC, como o de metáfora conceptual, frames, esquemas imagéticos, protótipos, MCIs e até mesmo o de construção gramatical se referem às representações cognitivas [...] que formam a base de nosso sistema conceptual, ancorando e promovendo a conceptualização da experiência. Como essas representações, por sua vez, emergem das experiências tanto sensório-motoras quanto socioculturais, a mente, nessa perspectiva, não pode ser vista como estando separada do corpo, da língua e do mundo. Nesse sentido, a cognição corporificada é sempre situada em um contexto sociocultural. (Vereza, 2016, p. 564).

A abordagem sociocognitiva também impede uma leitura determinista da cultura. Se os frames são compartilhados, isso não significa que todos os membros de uma comunidade os mobilizem da mesma maneira. A construção de sentidos envolve história individual, experiências corporais, posição social, objetivos e repertórios discursivos. Vereza (2016, p. 563) chama atenção para a variação cultural de orientações e metáforas e para a necessidade de não pressupor uma universalidade sem considerar os contextos em que conceitos são elaborados. O corpo oferece possibilidades e restrições, mas a cultura organiza maneiras específicas de tornar essas experiências significativas.

Essa concepção é especialmente importante quando se passa a analisar línguas de sinais. A modalidade visuoespacial não deve ser tratada como simples consequência biológica da ausência de audição nem como conjunto de gestos transparentes. Trata-se de modalidade linguística inserida em comunidades, práticas culturais e histórias de uso. Nunes (2019, p. 31-32) enfatiza que a Libras possui estrutura própria e pode expressar conceitos concretos e abstratos; suas especificidades de produção e percepção decorrem do canal visuoespacial, não de uma suposta limitação semântica. A análise cognitiva precisa, portanto, articular corpo, modalidade e cultura sem reduzir um desses fatores aos demais.

Corpo, espaço, visualidade e significação na Libras

A Libras oferece um campo particularmente fecundo para observar como corpo e espaço integram a organização linguística. Nunes (2019, p. 32) descreve parâmetros fonológicos como configuração de mão, localização, movimento, orientação e marcas não manuais, ressaltando que mudanças nesses componentes podem produzir diferenças de significado. O corpo, portanto, não funciona somente como suporte físico para unidades previamente concebidas: sua configuração e seu posicionamento constituem material linguístico estruturado. A espacialidade também participa de relações gramaticais e semânticas, o que torna visível a articulação entre percepção, ação e linguagem.

Belaunde e Sofiato (2019, p. 68-70) ampliam o debate ao discutir percepção e visualidade na educação de pessoas surdas. As autoras recorrem a uma perspectiva em que o sujeito percebe porque está corporalmente no mundo e defendem que o corpo ativo participa da construção do conhecimento. O visual, nessa leitura, não deve ser isolado dos demais sentidos nem concebido como capacidade puramente fisiológica. Percepção implica atenção, experiência e história. Essa posição é relevante para a cognição linguística porque mostra que a visualidade não é simples recepção de imagens: ela envolve interpretação, seleção e construção de relações significativas.

A relação entre iconicidade e construção de significado também precisa ser tratada com precisão. Spicacci e Barros (2018, p. 41-44), ao discutirem tradução para Libras e escrita de sinais, observam que eventos de movimento podem ser representados de maneira simultânea em línguas de sinais, combinando informações de modo e trajetória. Essa característica evidencia possibilidades oferecidas pela modalidade, mas não elimina a convencionalidade linguística. Recursos icônicos são selecionados, organizados e interpretados dentro de sistemas compartilhados. A iconicidade, assim, pode favorecer determinados modos de representar relações espaciais sem transformar a língua em mera imitação do mundo.

Uma fonte histórica do conjunto analisado, Jesus (2006, p. 8-10), discute a dimensão mimética da linguagem e diferencia a modalidade gestual-visual da modalidade oral-auditiva. Alguns enquadramentos terminológicos do texto refletem o momento em que foi produzido e devem ser lidos criticamente à luz do desenvolvimento posterior dos estudos linguísticos da Libras. Ainda assim, a autora registra que as línguas de sinais possuem estrutura própria, variabilidade e dimensão espacial e corporal. Para a discussão atual, é importante separar mímica, gesto e língua: a possibilidade de semelhança visual ou de expressão corporal não reduz a Libras a gesticulação, pois seus sinais integram um sistema linguístico convencional e produtivo.

Nunes (2019, p. 32-33) fornece evidência mais especificamente linguístico-cognitiva dessa distinção. Ao analisar metáforas e esquemas imagéticos no parâmetro orientação, a autora demonstra que a relação entre corpo e espaço pode motivar significados em estruturas sistemáticas. Certos pares de sinais articulam movimentos opostos ou orientações contrastivas, e essas configurações podem ser interpretadas a partir de esquemas como escala e contêiner. O interesse da análise está em mostrar que o espaço articulatório não é vazio: ele participa da organização semântica por meio de relações convencionalizadas e cognitivamente motivadas.

Memória, recuperação lexical e processamento da linguagem

A construção de significados também envolve processos de memória e acesso lexical. Arnone e Barbosa (2022, p. 22-23) destacam que estudos de recuperação lexical ajudam a compreender o processamento da linguagem porque tornam observável uma situação em que o sujeito conhece um item, mas não consegue recuperá-lo imediatamente. Nas línguas de sinais, esse fenômeno pode revelar quais propriedades fonético-fonológicas permanecem acessíveis durante uma falha temporária de recuperação. A investigação é relevante porque permite comparar mecanismos de acesso em modalidades diferentes sem pressupor que a organização lexical seja idêntica em todos os detalhes.

No estudo com usuários da Libras, Arnone e Barbosa (2022, p. 23-25) utilizaram tarefas de nomeação com sinais de nomes próprios e observaram o fenômeno denominado “ponta dos dedos”, correspondente, em línguas de sinais, à situação em que um item lexical conhecido está momentaneamente inacessível. Os participantes podiam recuperar parcialmente configuração de mão, localização, orientação, movimento e outros componentes antes de acessar o sinal completo. Esse tipo de dado mostra que a memória lexical não armazena simplesmente uma unidade indivisível; diferentes propriedades podem apresentar graus distintos de disponibilidade durante o processamento.

Os resultados quantitativos reforçam essa interpretação. Entre 2.346 estímulos, Arnone e Barbosa (2022, p. 25) identificaram 20 ocorrências do fenômeno, correspondentes a 0,9% do total, distribuídas entre 13 dos 34 participantes. Em todas as ocorrências foi recuperado pelo menos um parâmetro fonético-fonológico e, em 95% delas, dois ou mais parâmetros foram acessados. O número de mãos foi recuperado em 90% dos casos, o espaço em 85%, a localização em 70%, a configuração de mão em 65%, a orientação em 50% e o movimento em 35%. Esses percentuais sugerem diferenças no acesso a componentes da forma sinalizada durante a recuperação lexical.

Corporeidade, tradução e recriação de sentidos

A tradução entre modalidades linguísticas oferece outro ponto de observação sobre a construção de significados. Silva e Machado (2025, p. 100-102) argumentam que a tradução e a interpretação para Libras não consistem em substituir palavras do português por sinais equivalentes. O processo exige reconstruir o texto em uma língua visuoespacial, considerando corpo, expressão facial, movimento, espacialidade, ritmo e repertórios culturais. Essa necessidade torna evidente a diferença entre significado lexical isolado e sentido construído no texto: uma escolha formal só é adequada quando participa de uma configuração capaz de produzir efeitos interpretativos pertinentes na língua de chegada.

Os autores destacam que, na tradução sinalizada, o corpo se torna espaço ativo de criação. A ideia aparece de modo explícito no seguinte:

> Nesse sentido, a transcriação se mostra adequada, por exigir que o tradutor-intérprete utilize o corpo de forma criativa, deixando emergir em seu processo de corporeidade, envolvendo expressões faciais, uso do espaço e construção visual de conceitos diversos para representar, em Libras, não apenas o que o texto diz, mas como ele diz. Nesse processo, o corpo não é somente um veículo da tradução, mas o próprio meio de construção do sentido (Silva; Machado, 2025, p. 102).

A formulação permite aproximar tradução e cognição corporificada. O tradutor precisa conceptualizar o conteúdo,

selecionar elementos relevantes e recriar relações em um sistema cujas possibilidades formais são diferentes. Silva e Machado (2025, p. 101-102) salientam que uma transposição literal pode perder informações estéticas, afetivas e culturais porque o sentido não está apenas no que se diz, mas na forma como o conteúdo é organizado. Na Libras, expressões faciais, movimentos e uso do espaço participam da construção do texto, o que torna a equivalência dependente de escolhas corporais e visuais conscientes.

Spicacci e Barros (2018, p. 42-44) chegam a conclusão semelhante a partir de uma experiência de tradução de tirinhas. Para as autoras, uma tradução não é neutra ou transparente e precisa reconstruir o texto considerando língua, cultura, público e finalidade. Ao lidar com humor, variação e iconicidade, a atividade tradutória exige soluções que preservem funções e efeitos, mesmo quando não existe correspondência formal direta. Essa prática exemplifica a natureza construtiva do significado: compreender o original é formar uma representação interpretativa; traduzir é reorganizar essa representação conforme os recursos da língua de chegada.

A discussão também esclarece por que o significado não pode ser separado de modalidade e contexto. Uma mesma conceptualização pode receber realizações diferentes em línguas oral-auditivas e visuoespaciais, e cada realização distribui informações de maneira própria. Silva e Machado (2025, p. 100) lembram que o texto

sinalizado está ligado à sua encenação e à visibilidade do corpo diante da audiência. O sentido, portanto, emerge de uma configuração multimodal que envolve elementos manuais e não manuais, relações espaciais e convenções discursivas. A corporeidade, nesse caso, não é um adorno expressivo acrescentado a uma mensagem pronta, mas parte da materialidade pela qual a mensagem se organiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permitiu compreender que a relação entre cognição e linguagem exige uma concepção integrada de mente, corpo, experiência e contexto. Os estudos examinados convergem na crítica à ideia de uma linguagem autônoma, separada das demais capacidades cognitivas, e sustentam que percepção, memória, atenção, categorização e conhecimento de mundo participam diretamente dos processos de significação. A linguagem não apenas expressa conteúdos previamente formados: ela oferece recursos para selecionar, organizar e perspectivar a experiência, tornando determinadas conceptualizações comunicáveis e socialmente compartilháveis.

A noção de cognição corporificada mostrou-se fundamental para essa compreensão. A partir de Avelar (2016, p. 32-33) e Sousa (2016, p. 30-32), verificou-se que processos cognitivos não podem ser descritos adequadamente como operações independentes das capacidades sensório-motoras e das relações com o ambiente. O corpo

não atua somente no momento final da expressão; sua experiência participa da formação de esquemas, categorias e padrões conceptuais. Contudo, a corporificação não deve ser interpretada de modo biologizante. Vereza (2016, p. 563-564) demonstra que experiências corporais são sempre vividas em contextos sociais, culturais e discursivos, razão pela qual o significado é simultaneamente experiencial e situado.

Esquemas imagéticos, frames e metáforas conceptuais constituíram mecanismos privilegiados para observar essa articulação. Costa (2021, p. 65-66) evidenciou que a metáfora permite compreender domínios abstratos a partir de estruturas mais básicas da experiência e que os mapeamentos selecionam apenas parte das informações disponíveis. Nunes (2019, p. 31-33) e Sessa e Bernardo (2022, p. 184-186) mostraram que relações espaciais e corporais podem participar da conceptualização também na Libras, inclusive em domínios abstratos como avaliação e tempo. O significado, portanto, emerge de projeções, enquadramentos e inferências, e não de correspondências fixas entre uma forma e um objeto.

As pesquisas sobre Libras reforçaram ainda a necessidade de modelos cognitivos sensíveis à diversidade modal das línguas. A modalidade visuoespacial permite observar de maneira clara a participação do corpo, do espaço e de elementos não manuais na estrutura linguística. Entretanto, isso não autoriza reduzir a Libras a

mímica ou pressupor que seus sentidos sejam transparentes. Belaunde e Sofiato (2019, p. 68-72) mostram que a visualidade envolve aprendizagem, interpretação e contexto cultural; Arnone e Barbosa (2022, p. 23-25) demonstram que o acesso lexical é estruturado e pode recuperar parcialmente componentes fonológicos; e Silva e Machado (2025, p. 101-102) evidenciam que a tradução exige recriação conceptual, corporal e cultural.

Conclui-se, assim, que a construção de significados é um processo relacional. Mente, corpo e linguagem não formam instâncias independentes que se conectam apenas depois de constituídas; desenvolvem-se e operam em interação. O corpo oferece possibilidades perceptivas e motoras, a experiência organiza regularidades, a cultura estabiliza e transforma repertórios, e a linguagem permite conceptualizar, negociar e compartilhar sentidos. Essa perspectiva contribui para estudos linguísticos mais atentos à diversidade de formas de expressão e, particularmente, para investigações sobre Libras que reconheçam sua estrutura linguística, sua modalidade visuoespacial e sua inserção sociocultural sem recorrer a reduções oralistas, miméticas ou exclusivamente biológicas.

REFERÊNCIAS

ARNONE, Juliane Farah; BARBOSA, Felipe Venâncio. A recuperação lexical e o fenômeno “ponta dos dedos” na Libras.

SCIAS Língua de Sinais, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 20-34, jul./dez. 2022. DOI: https://doi.org/10.36704/sciasls.v1i1.6855. Disponível em: https://revista.uemg.br/sciasls/article/view/6855. Acesso em: 10 jul. 2026.

AVELAR, Maíra. Mente corporificada: mapeamento do conceito, interfaces e possibilidades de aplicação. **Pontos de Interrogação - Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas, v. 5, n. 1, p. 29-54, 2016. DOI: https://doi.org/10.30620/p.i.v5i1.2687. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/pontosdeint/article/view/2687. Acesso em: 15 jul. 2026.

BELAUNDE, Caroline Zimmermann; SOFIATO, Cássia Geciauskas. O visual na educação de surdo. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 52, p. 67-84, jul./dez. 2019. DOI: https://doi.org/10.20395/re.v0i52.615. Disponível em: https://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/1529. Acesso em: 22 jul. 2026.

COSTA, Vitor Cordeiro. Níveis de metáfora conceptual na Linguística Cognitiva. **Entretextos**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 63-77, 2021. DOI: https://doi.org/10.5433/1519-5392.2021v21n2p63. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/42202. Acesso em: 28 jul. 2026.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

JESUS, Sônia Cupertino de. A dimensão mimética da linguagem. Arqueiro, Rio de Janeiro: **Instituto Nacional de Educação de Surdos**, v. 14, p. 7-10, jul./dez. 2006. Disponível em: https://www.ines.gov.br/wp-content/uploads/2014/04/arqueiro_14.pdf. Acesso em: 31 jul. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes. Parâmetro Orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, p. 29-37, jan./abr. 2019. DOI: https://doi.org/10.17058/signo.v44i79.12832. Disponível em: https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/12832. Acesso em: 2 set. 2026.

SCAPOLAN, Bruno Alexandre; LEITE, Letícia de Sousa. A conexão entre linguagem e cognição: a interação do significado e das funções categóricas na Linguística Cognitiva. **Revista Linguíʃtica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 161-174, maio/ago. 2025. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a67886. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/67886. Acesso em: 3 set. 2026.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Conceptualização de sinais para tempo na Libras: metáfora e instrumentos linguísticos. **Revista do GELNE**, Natal, v. 24, n. 2, p. 183-198, 2022. DOI: https://doi.org/10.21680/1517-7874.2022v24n2ID29946. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/29946. Acesso em: 5 set. 2026.

SILVA, Rafael Monteiro da; MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. As palavras, os sinais e o corpo: uma análise da corporeidade em Libras pela perspectiva da Linguística Cognitiva e suas contribuições para os estudos da tradução em línguas de sinais. **Revista Linguíʃtica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 93-113, maio/ago. 2025. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68252. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/68252. Acesso em: 6 set. 2026.

SOUSA, Ada Lima Ferreira de. Corporalidade e linguagem: a construção de sentido em uma perspectiva neural. **SEDA - Revista de Letras da Rural**, Seropédica, v. 1, n. 2, p. 29-49, maio/ago. 2016. Disponível em: https://revistaseda.org/index.php/seda/article/view/21. Acesso em: 7 set. 2026.

SPICACCI, Aline Alkmin Camargo; BARROS, Mariângela Estelita. Traduzindo o dialeto do personagem Chico Bento do português para Libras por meio da ELiS. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 40-56, jan./jun. 2018. DOI: https://doi.org/10.5216/rs.v3i1.51152. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/51152. Acesso em: 8 set. 2026.

VEREZA, Solange Coelho. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da Linguística Cognitiva. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 16, n. 3, p. 561-573, set./dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-4017-160303-0416D15. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ld/a/X7DTzb3DFqDPYvNrszLxVSB/. Acesso em: 9 set. 2026.